

Texto de apresentação da tertúlia  
A discriminação das mulheres na velhice  
15 de abril, Biblioteca Especializada Ana de Castro Osório

No âmbito do projeto “O envelhecimento e o género numa perspetiva interseccional”, desenvolvido pela UMAR, com o apoio da Pequena Subvenção da CIG, realizamos hoje, dia 15 de abril, na Biblioteca Especializada Ana de Castro Osório, situada na Biblioteca de Belém, a tertúlia intitulada “A discriminação das mulheres na velhice”. Este evento conta com a participação de Irene Pimentel e Isabel do Carmo.

No contexto das discriminações sofridas pelas mulheres na velhice gostaria de salientar o seguinte:

Apesar das legislações quer nacional, quer internacional, combaterem a discriminação com base na idade, o idadismo (discriminação de um grupo etário) continua enraizado na nossa sociedade, que caracteriza as pessoas mais velhas como pouco produtivas, frágeis e incapazes. A sociedade ocidental não valoriza o conhecimento, experiências de vida e saberes adquiridos ao longo dos tempos.

De acordo com o módulo “Idadismo” do *European Social Survey*, de 2009, a discriminação em relação à idade é a principal forma de discriminação sentida pelos portugueses (17%), atingindo valores superiores à discriminação em igualdade de género (13%) ou à etnia (11%). Sibila Marques “Discriminação da Terceira Idade”, pg 19

No idadismo, esta estereotipia é reforçada no caso das mulheres, onde 8 em cada 10 mulheres já foram discriminadas por serem velhas.. Este preconceito cruza-se com outros, e a interseccionalidade torna-os consideravelmente mais graves. Por exemplo, uma mulher de idade avançada pode sofrer mais danos do que um homem, ou uma mulher de idade avançada e de uma minoria étnica ou sexual.

Estas mulheres são principalmente viúvas, pois a viuvez é mais frequente nas mulheres e predomina a partir dos 75 anos, ao contrário dos grupos anteriores, em que a proporção de casados era superior (61% casadas e 27% viúvas), acentuando-se nos grupos seguintes, chegando a ultrapassar os 80%, em 2011 (Moreira, 2020, p.18).

As mulheres cumulam um conjunto de fatores que as deixam numa situação de maior vulnerabilidade e risco social: escolaridade mais baixa do que a dos homens, maior risco de pobreza, menor número de anos de vida saudável, mas maior esperança de vida; vivem mais sozinhas, porque ficaram viúvas, e têm uma perceção mais negativa do seu estado de saúde, frequentemente marcada por alguma incapacidade e/ou doença crónica.

A nossa cultura ocidental anula estas mulheres porque o ideal de beleza normatizado implica juventude porque a velhice, nas mulheres, é uma questão do corpo. Esta fase é associada ao declínio das capacidades e caracterizada por perdas significativas e irreversíveis. À medida que as mulheres envelhecem, e esse processo se reflete no seu corpo, com as rugas e cabelos brancos, passam a ser vistas como feias, fracas, assexuais e ignorantes.

O poder patriarcal que se exerce sobre os corpos das pessoas mais velhas tem múltiplos efeitos que limitam os seus direitos, um deles o direito ao prazer na velhice.

Segundo Ana Pessoa, “é necessário analisar e refletir acerca dos estereótipos e preconceitos comuns que estão associados à representação das mulheres mais velhas nos media, embora normalmente sub-reptícios, nas referências a este grupo, em especial na televisão e na publicidade”.

Sabemos que mulheres maduras levam vidas multidimensionais, mas nem sempre isso se reflete no conteúdo visual que vemos diariamente. É hora de desafiar os estereótipos visuais limitantes e prejudiciais das mulheres de meia-idade e expandir a representação visual para mostrar suas vidas reais e ativas, a fim de inspirar mais mulheres à ação.

Teresa Sales

